

## SOB O OLHAR DE BAKHTIN: O GÊNERO DISCURSIVO *VLOG* CONFSSIONAL

Izaías Serafim de Lima NETO<sup>1</sup>  
Mestrando em Letras - UERN

Francimeire Cesário de Oliveira QUEIRÓS<sup>2</sup>  
Doutoranda em Letras - UERN

**RESUMO:** O presente estudo intenta discutir os aspectos que constituem o gênero *vlog confessional* no que diz respeito a sua temática, estilo e composição. Para essa finalidade recorre-se aos estudos do Círculo de Bakhtin, mais especificamente sobre gêneros do discurso e outros temas que se interligam a eles. Utiliza-se de pesquisa bibliográfica cuja metodologia promove um estudo de cunho qualitativo Assim, autores como Brait (2017), Machado (2007, 2008), Santaella (2014) entre outros foram suporte teórico-metodológico para o estudo. Concluiu-se que o gênero *vlog confessional* mescla componentes da linguagem escrita, visual, oral e cibernética para reatualizar gêneros como o diário pessoal e a confissão, inserindo nas suas motivações os movimentos ideológicos da produção de conteúdo da internet e a possibilidade infinita de interação das redes sociais.

**Palavras-chave:** Gêneros discursivos. *Vlog* confessional. YouTube.

### Introdução

Os estudos do russo Mikail Bakhtin e seu círculo são considerados basilares para as ciências da linguagem atualmente. Esta importância, tanto teórica quanto metodológica, atribuída ao **Círculo de Bakhtin** no âmbito da filosofia da linguagem e da linguística se concretiza por conceitos basilares para o estudo da linguagem promulgados pelos componentes desse grupo de estudiosos, dentre os quais o de *gêneros do discurso* se insere como cerne.

É nesse espaço específico dos gêneros do discurso (orais e escritos), discutidos por Bakhtin na sua obra *Estética da criação verbal*, que o presente estudo se interessa. A partir desse espaço conceitual, pretende-se analisar os aspectos temático, estilístico e composicional do gênero *vlog* confessional, o qual está suportado pelo YouTube e emerge no entremeio dos gêneros orais e escritos.

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: izaiaslima@gmail.com

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: meire.c@hotmail.com

Interessa, então, discutir os pontos que consolidam os *vlogs* como gêneros discursivos que mesclam características primárias e secundárias, segundo a teoria bakhtiniana. Essa discussão é a partir de três vídeos: 50 FATOS SOBRE MIM! ATUALIZADO; 50 Fatos sobre mim; #MAISERA – 50 FATOS SOBRE MIM, os quais foram postados nos canais Felipe Neto, EU FIKO LOKO e Maísa Silva, respectivamente. Nesse sentido, nossa pesquisa

se justifica tanto pela relevância acadêmica do grupo teórico que nos dá aporte, quanto pelo ambiente da internet, o qual é profícuo em linguagens diversas, representativas, por sua vez, da efervescência da vida contemporânea.

A pesquisa é, assim, bibliográfica, descritiva, ~~documental~~ de cunho qualitativo. Para realiza-la, temos como suporte teórico principal Bakhtin (2000; 2004), Brait (2017), Santaella (2014), Machado (2007, 2008), entre outros autores que discutem, sob a perspectiva do Círculo, as questões relacionadas aos gêneros discursivos. Finalmente, o estudo se organiza retomando primeiramente aspectos teóricos que envolvem o campo dos gêneros discursivos, para logo após efetivar as considerações analíticas.

### **Sobre gêneros discursivos: as contribuições bakhtinianas**

A ideia de que ao usar a língua para nossa comunicação e interação precisamos recorrer sempre a um dado gênero, mesmo que não tenhamos consciência disso, hoje, parece lugar comum entre as recentes teorias da linguagem. Por um lado, na definição do objeto da Linguística tratada no Curso de Linguística Geral (CLG), há encaminhamentos a partir de um objeto preestabelecido e definido, ou seja, o objeto é dado previamente e por assim ser, é palpável e olhado de diversos pontos de vista concebido de antemão.

Por outro lado, nos estudos linguísticos, o objeto concreto advém de uma análise atenta após o ato efetivo do uso língua. Por exemplo, ao se pronunciar ou escrever uma palavra é que se pode atribuir um ponto de vista sobre esse objeto e, ainda assim, se pode ver nesse ato concreto coisas diferentes, como seu som, sua ideia e sua etimologia. Congruente com isso, foi mencionado no CLG que “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto.” (SAUSSURE, 1995 p. 15), ou seja, ele procura esclarecer que em Linguística os dados não existem por si, porque é o ponto de vista que o linguista assume sobre a língua que produz o objeto de investigação.

Então, com os estudos procedentes, esse ponto de vista saussuriano se tornou fonte de outros panoramas, pois a palavra passa a ser enunciada, apreciada com outras vistas, sendo ensejada pelo ato enunciativo; pelas relações sociais e ideológicas do contexto enunciativo, como também, pelas peculiaridades do sujeito enunciator; pelas relações dialógicas emanadas na cadeia interativa da comunicação verbal; pela sua significação temática no âmbito das

construções composicionais. Desse modo, evidenciando um sistema com as condições apropriadas para interpretar o agir humano, agenciadas pelos gêneros discursivos.

Fatos esses que ultrapassam o sistema da língua tal como instituído no CLG, no qual a língua é objeto de estudo da linguística. A respeito da relação entre língua e linguagem se diz que “A língua, assim delimitada no conjunto dos fatos da linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto a linguagem não o é. (SAUSSURE , 1995 p. 23). Vê-se no espaço teórico saussuriano uma distinção e separação entre o que seja aspecto da língua e o que seja aspecto da linguagem.

Vale ressaltar que a concepção de língua saussuriana foi inovadora para sua época, na qual, ela “é ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE , 1995 p. 17). Entretanto, essa concepção já não atende mais as necessidades atuais do que se pensa (cientificamente e filosoficamente) ser a língua, cuja essência corresponde aos fatos linguísticos do uso que primam pela comunicação e interação verbal.

A orientação teórica de que o conhecimento é construído na interação verbal, associado aos aspectos sociais, teve grande influência do círculo de autores vinculados a Bakhtin. A partir desses estudos sobre linguagem, as práticas clássicas se distanciaram da abordagem que tem em vista o uso e a comunicação verbal, consolidando o enunciado concreto como centro desses estudos. Com tal empreendimento (teórico-metodológico), houve um avanço em relação a linha teórica que se limitava à análise da estrutura da língua, por meio de frases desvinculadas de sua realidade discursiva.

Bakhtin, por ser proveniente de um contexto científico marxista (da visão lenista e stalinista), se defronta com dois caminhos suscitados por essa conjuntura histórica, de um lado pensar o marxismo a partir dos postulados de Marx e não do partido comunista, por outro lado, repensar o modelo positivista e romper com o método científico de cunho quantitativo. O caminho trilhado por ele foi por via da esfera literária, cujas arestas privilegiadas eram a

linguagem, permitindo desse modo que as relações entre linguagem e sociedade fossem consideradas nos horizontes de sua teorização.

O seu contato com a linguagem permitiu vê-la de um *locus* excepcional: do ponto de vista do seu funcionamento, ou seja, a linguagem viva e real. Cientificamente as ideias de *relatividade* e do *movimento* na Física e, a rejeição do idealismo objetivo na Filosofia fundamenta esse caminho, se afastando de uma filosofia da forma em que o conhecimento pertencia apenas ao mundo das ideias, deslocado no tempo e no espaço, sendo nesse fundamento o ponto de vista estabelecido previamente, pronto, acabado e imutável.

Na constituição filosófica bakhtiniana, o objeto está sempre em processo. Nesse sentido, aceitar a teoria do signo do CLG custaria caro demais para sua concepção de linguagem dialógica, pois a linguagem em uso é muito diversa desse modelo teórico saussuriano. Indo além desse pensamento, Bakhtin (2004, p. 127) apresenta que a “língua constitui um processo evolutivo ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.” Nesse contraponto, a língua deixa de ser um fim em si mesma para atuar nas relações interpessoais dos sujeitos sociais.

Foi nesse âmbito que o teórico russo difundiu os esboços sobre os gêneros discursivos (organizados segundo em sua concretude segundo aspectos temáticos, estilísticos e composicionais) e foi por uma ótica dialógica na qual as investigações sobre linguagem passaram a ser norteadas pelo processo de interação verbal, tendo como inspiração para esse universo as interações dialógicas e enunciativas.

Essa mudança de rota causou impactos substanciais quanto ao que se refletia sobre gêneros. Quando vistos pelo prisma prosaico, ganharam novas características, suas formas linguísticas são plurilinguísticas, condizentes com o que Bakhtin propôs para a teoria dialógica. É na direção do dialógico que se vê mais fortemente marcada, através desse autor, a teoria do gênero. Em Machado (2008) se encontram com muita clareza as evidências dessa nova atmosfera de estudos da linguagem, na qual Bakhtin formulou, pois,

[...] mais do que reverter o quadro tipológico das criações estéticas, o dialogismo, ao valorizar o estudo dos gêneros, descobriu um excelente recurso para ‘radiografar’ o hibridismo, a heteroglossia e a pluralidade de sistema de signo na cultura. (MACHADO, 2008 p. 153).

Ainda de acordo com Machado é “exatamente porque surgem na esfera prosaica da linguagem, os gêneros discursivos incluem toda sorte de diálogos cotidianos bem como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica (2008, p.155)”. Essa

acepção do gênero do discurso, dita prosaica, está diretamente relacionada à cultura, não como polo de oposição a poética, mas como evolução das práticas discursivas que ordenam os múltiplos usos da linguagem. Por essa razão, tem pertinência com os acontecimentos socioculturais, como práticas vulneráveis (tanto no uso cotidiano quanto na provisória

estabilidade da escrita), visto que assimila em sua configuração as implicaturas das atividades do ser histórico.

Com isso, os sujeitos históricos no âmbito de suas interações verbais, se tornam enunciadorees que recorrem a um conjunto de realizações de natureza discursiva, contudo, selecionam os elementos dessas realizações conforme as intencionalidades da esfera de atuação marcada pela unidade espaço-temporal. Isso permite observar os eventos com uma certa concretude. Daí os gêneros discursivos alcançarem uma vasta variedade e estarem sempre aptos às transformações, mas sempre guiados por uma conjuntura relacionada às experiências humanas. Como endossa Geraldi (2014, p.26):

Como ensina Bakhtin (2003, p.261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” e nestes campos gestam-se diferentes gêneros discursivos. Quanto mais complexa a sociedade, mais se diversifica sua multiforme atividade e mais complexo é o conjunto de tipos relativamente estáveis de enunciados, ou gêneros de discurso, em circulação.

No contexto atual, essa concepção teórica se tornou uma questão de relevância social, pois, a cultura letrada precisa dessa ação dialógica de imbricamento dos discursos para efetivar a comunicação verbal e disseminá-la nos mais variados contextos (social, histórico, cultural, econômico, etc.), o que não deixa de estar associado ao processo de globalização do mundo contemporâneo, em que a mensagem precisa chegar a todos os lugares (espaços) e praticamente num mesmo intervalo de tempo. Essa sensação de pressa provocou uma certa insegurança ao atingir as práticas socialmente e historicamente cristalizadas, dado ao processo de recriação da linguagem, de heterogeneidade discursiva e dinamicidade dos gêneros discursivos. Assim sendo:

Bakhtin alcançou essa outra dimensão da cultura letrada, não analisando o seu impacto sobre a cultura oral, nem polarizando tradições, mas examinando a insurreição de uma forma dentro da outra, no mais autêntico processo dialógico. Nela os discursos e os processos de transmissão das mensagens se

deixam contaminar, permitindo o surgimento dos híbridos. (MACHADO, 2008 p. 154).

Vê-se então que os gêneros discursivos, enquanto manifestação cultural, precisam ser compreendidos nas relações de espaço-tempo em que os mesmos atuam como registros das conquistas históricas das civilizações e das significativas ações humanas permeadas no espaço social.

Assim, na cultura há marca de temporalidade que se evidencia na representação estética e na percepção do uso real da língua. Isso muito embora seja convencionalizado conforme o sistema cultural de cada época, não há um limite fechado entre uma época e outra, de modo que, a cada uma vão se recriando outros estilos, outros sentidos, outros suportes de veiculação, e composições com base no que uma época é e também no que ela foi. Nesse sentido, os gêneros discursivos agem como rede de transmissão que emitem os fatos sociais para o uso da língua, ajuizando assim, a capacidade de inovação, recriação e, portanto de pluralidade.

A pluralidade é uma temática propícia aos gêneros discursivos, sendo destaque na teoria bakhtiniana, assim sendo, os gêneros do discurso expandem-se com muita fluidez no contexto contemporâneo à medida que se desenvolvem e se tornam mais complexas as esferas de práticas humana. A partir dessa referência, o conceito de originalidade na linguagem perde sua essência, impossibilitando uma inovação estética autêntica. Mas por outro olhar, essa caracterização linguística é muito propícia à renovação e expansão, uma vez que:

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vistas, visões de mundo, tendências. Um locutor não é um Adão bíblico, perante os objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. (BAKHTIN, 2000 p. 319).

Atualmente, esse cruzamento de linguagens e gêneros discursivos tem sido muito abundante. Os gêneros mais difundidos são os midiáticos devido à massificação das mídias eletrônico-digitais. E essa efervescência é resultado das determinações culturais encaminhadas a partir das esferas discursivas dessas mídias, tornando os gêneros suscetíveis à transitoriedade entre as fronteiras da informação veiculada por esses meios e conhecimento por eles difundidos.

Como no domínio discursivo/linguístico o ponto de referência é versátil, por isso se faz jus a um olhar dialógico, Machado (2007) defende o “princípio da extraposição” como fator que garante a mediação entre determinação e a relatividade, e acrescenta:

[...] Quando Bakhtin submeteu o ato dialógico à lei do posicionamento, ele afirma a existência de um princípio de extraposição orientando os sentidos. Aquilo que é inacessível ao olhar de uma pessoa é o que preenche o olhar da outra. Logo, nas esferas das relações humanas e da comunicação o excedente da visão é tão importante quanto aquilo que se oferece explicitamente ao olhar. (MACHADO, 2007 p. 195).

Desse modo, não compreendemos os fenômenos da linguagem como um todo, mas apenas o que está ao alcance de um determinado ponto de vista, e para fundamentar essa fragmentação do olhar enunciativo, Bakhtin (2004, p.123) ressalta que “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal [...]. Isso porque “determinar é especificar segundo a visão que se constitui a partir de um ponto de vista do campo de visão do outro.” (MACHADO 2007 p. 196), e, como esse campo de visão muda conforme a posição de seu enunciador, se tornando relativa, dizendo de outro modo, Ribeiro (2010, p. 65) conclui que “há dois traços presentes na composição dos gêneros: de um lado tendem a uma relativa estabilidade nas práticas sociais, possuem ‘unidade genérica’; por outro lado, possuem uma tendência natural a inovar, a fim de se adaptar a demanda comunicativa”. Ou seja, tudo isso reafirma o caráter dialógico dos gêneros do discurso.

Tais considerações levam a crer que não há uma fronteira delimitada entre determinar e relativizar, sendo o ato dialógico o elo intercessor. Toda essa manifestação discursiva se projeta nos gêneros discursivos e esse conjunto de relações e imbricamentos se fundem numa cadeia que dá suporte aos sentidos produzidos no âmbito das esferas de atividades dos sujeitos discursivos. “Assim, entendemos os gêneros como manifestação de visões de mundo determinadas pelo ponto de vista de onde ocorrem.” (MACHADO, 2007 p. 325).

É do ponto de vista dialógico que o sistema enunciativo de signos, em plena era digital, vem melhor se ampliar, dando ênfase à linguagem multiculturalista, campo fértil para a utilização de termos como plurismo, heterogeneidade, multiplicidade, inter e translinguístico, hiperlink, cibercultura, entre outros. E Machado (2007, p. 199) enfatiza:

Aprendemos com Bakhtin que a magnitude cultural de uma época, a riqueza de suas ideias e criações não cabem nos limites da visão que lhe é

contemporânea. Somente o confronto transtemporal é revelador da época e de suas grandezas. Os produtos culturais, os objetos estéticos e o conhecimento extrapolam os limites de um espaço-tempo. Para compreendê-los é preciso assumir uma postura extrapolada.

Quando Bakhtin admitiu o diálogo como toda comunicação verbal de qualquer tipo, acabou por abrir caminho para a proliferação da informação nas mais vastas esferas e campos de uso da linguagem. Segundo diversas teorias do conhecimento contemporâneo, é essa gama de informação que inspira as investigações científicas e, assim, a informação, veiculada por meio dos gêneros discursivos, é responsável pela mobilidade do atual sistema de uso da língua.

Nesta perspectiva, os gêneros atuam como mediadores da informação e do conhecimento, seja divulgando os feitos científicos, seja notificando os acontecimentos do cotidiano, seja registrar os feitos culturais, seja instigando os processos de investigação que resultam em conhecimento, enfim, atuando de modo geral como materialização das interações.

Vale salientar que, essa expansão ultrapassa o foco de análise que Bakhtin elegeu para ilustração de sua teoria que, foi o romance como gênero discursivo. O romance lhe possibilitava enxergar a heterogeneidade enunciativa, no entanto, como o dialógico é a metodologia dos gêneros discursivos que é introduzido pela linguagem da comunicação, acredita-se que ele produziu uma expectativa de que suas discussões teóricas tivessem repercussão em outros meios não pensados por ele, daí hoje seus estudos serem apontamentos teóricos de vários campos do conhecimento, do qual a linguagem é o fio condutor dessa contextualização.

Esse panorama inspira uma concepção de linguagem mais ampla, pois mesmo Bakhtin tendo o gênero romance como ponto fundamental de sua teoria, ele deu sustentáculo à sistematização do discurso cotidiano, contribuindo para a face enunciativa do discurso que se processa na “*interação verbal*, realizada por meio da *enunciação* ou *enunciações*. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua.” [grifos do autor] (BAKHTIN, 2004 p. 123).

No contexto atual, novas possibilidades se ampliam com o mundo digital, como o acesso a informação e ao conhecimento, os modos de leitura, os tipos de gêneros, que por natureza têm essa capacidade de se ampliarem e se renovarem, e assim adquirem características como define Santaella (2014, 212): “A não linearidade é uma propriedade do mundo digital e a chave-mestra para a descontinuidade se chama hiperlink, quer dizer, a conexão entre dois pontos no espaço digital, um conector especial que aponta para outras informações disponíveis e que é o capacitador essencial do hipertexto.” São novos conceitos que se agregam numa simbiose dialógica para tentar retratar a realidade digital que reflete as linguagens humanas, como



acrescenta ainda a autora: “A multimídia, por sua vez, consiste na hibridação, quer dizer, na mistura de linguagens, de processos sígnicos, códigos e mídias.” (SANTAELLA, 2014, p. 212). Sendo então que emerge o conceito de gêneros discursivos híbridos, tornando ambiente dialógico cada vez mais complexo, pois a multimídia se alia ao hipertexto e se torna hipermídia.

O leitor passa a conduzir o processo de leitura numa estrutura multilinear, com processos sígnicos de alta engenhosidade e de misturas de linguagens, se constituindo conforme as escolhas que lhe convir ao propósito de interação e comunicação dentre o imenso contingente de alternativas. Assim, “a hipermídia tornou-se a linguagem que lhe é própria, uma linguagem tecida de multiplicidades, heterogeneidades e diversidades de signos que passaram a coexistir na constituição de uma realidade semiótica distinta das formas previamente existentes de linguagem.” (SANTAELLA, 2014, p.213).

Esse processo mesmo amplo e efêmero se pauta em alguma base da linguagem que “parece dar guarida à hipótese de que, nas raízes de todas as misturas possíveis de linguagens, encontram-se sempre três matrizes fundamentais: a verbal, a visual e a sonora”. (SANTAELLA, 2014, p.213).

Mediante esse processo complexo, reforça-se com isso o que o teórico russo da linguagem enfatiza em seu arcabouço teórico, que o enunciado tem um caráter eminentemente dialógico. Isso implica no entendimento de que o processo de compreensão dos signos (dialógicos), mesmo em um contexto hipermidiático, plural e heterogêneo, se estabelece por meio de pontes que interligam ao outro, como bem coloca Bessa (2016)) quando discute a noção de dialogismo a partir de uma série de textos de Bakhtin, ou seja, pelo modelo “arquitetônica do pensamento bakhtiniano”: “compreensão é sempre uma resposta ativa, marcada pelo componente avaliativo, pelo elemento valorativo, a outros enunciados. A responsividade é, portanto, princípio básico de toda e qualquer compreensão, de todo e qualquer enunciado.” (BESSA, 2016, p.22), ou seja, o pensamento bakhtiniano ainda é atual, pois ele já falava “de um supradestinatário, que não é algo nem mítico, nem metafísico, mas que pode ganhar diferentes expressões ideológicas concretas [...]” (*idem*, p. 26). Nessa arquitetura plural, o diálogo é sempre ininterrupto e também intermitente em que “cada enunciado é apenas um elo na cadeia de outros enunciados” (*idem*, p.24),

Nesse enfoque contemporâneo, Machado (2008), reforçando o pensamento bakhtiniano, considera os gêneros discursivos como dialógicos e como lugar de pertinência dos signos e dos códigos culturais, ou seja, por meio deles estão registradas as marcas temporais e

os adventos culturais das representações e interações humanas, nesse sentido, ela esclarece dois pontos de vista para os gêneros discursivos:

[...] Do *ponto de vista antogenético*, os gêneros discursivos são realizações das interações produzidas na esfera da comunicação verbal; do *ponto de vista filogenético*, é possível acompanhar a expansão para outras esferas da comunicação realizada graças a dinâmica de outros códigos culturais que se constituem, em relação a palavra, um *ponto de vista extraposto*. Nesse sentido, as esferas de uso da linguagem podem ser dialogicamente configuradas em função do sistema de signos que as realizam. [*grifos acrescentados*]. (MACHADO, 2008 p. 165).

Obviamente, a riqueza de signos atualmente é mais abundante do que no momento histórico vivido por Bakhtin, daí se justificar esse *ponto de vista extraposto* como um processo natural de universo científico em que o conhecimento não adormece, antes se renova e revive com outras perspectivas.

É interessante frisar que, a teoria bakhtiniana retoma termos bem difundidos por Saussure como “código”, “ponto de vista” e “sistema de signos”. Obviamente, não são retomados para serem repetidos, mas para se expandirem. Bakhtin retoma as bases linguísticas para aprofundar e redimensionar as práticas de linguagem por outro viés, o da filosofia. Ele acrescentou elementos que não puderam ser incluídos no corte metodológico saussuriano, como sujeito/identidade, discurso, história, ideologia, entre outros. Nem podiam merecer a atenção de Saussure, pois naquele momento esses elementos não dariam suporte para o estabelecimento da Linguística como ciência, uma vez que são conceitos movediços dos estudos linguísticos.

A difusão da teoria dialógica se estende para uma dimensão de magnitude tamanha que hoje para compreendermos os sistemas de signos de nossa sociedade é imprescindível pensar a linguagem pelo esboço delineado pelo filósofo russo. Como a sociedade atual tem uma organização diferente da do período marxista rompido por ele, há a impressão de que os conceitos bakhtinianos escapam de seu sistema teórico, mas há de se convir que esse sistema se funda numa circularidade entre relatividade e determinação, não podendo ser visto por ângulos fechados, por isso, há um ambiente suscetível ao “extraposto”, ponto de vista que embasa o sistema linguístico contemporâneo.

Como se percebe nas discussões até aqui, houve um alargamento da noção de gêneros para todas as práticas de linguagem, tal fato é alcançado devido à relação dialógica e a constituição sócio-histórica e, portanto, ideológica da língua concebida por meio dos gêneros discursivos.

## **Destrinchando o gênero *vlog*: temática, estilo e composição**

Os *vlogs* são considerados fenômenos que a WEB e o YouTube proporcionaram após o advento da internet. São formas de atualizar gêneros discursivos mais antigos, tais como o diário pessoal, o receituário clínico, o conselho pastoral etc. Dizemos isso tendo como base a noção de que os gêneros discursivos são passíveis de atualização, de renovo e de reestruturação (BRAIT, 2017). E isso se dá segundo um regime específico de possibilidades, tais como novas tecnologias, novos hábitos sociais, novas formas de interagir (MACHADO, 2008). Em paráfrase a Bakhtin (2000), a vida e a língua se interpenetram e se alteram mutuamente, logo, os gêneros estão obedecendo a vida que os produz e findam gerando também a vida.

Temos como suporte para essas reatualização a plataforma do YouTube que é composta naturalmente por uma interface que permite *login* associado à matriz do Google. Quando logados, a rede complexa de dados induz o usuário a conviver com toda sorte de produção de vídeos, desde receitas, videoclipes, aulas, coreografias, até pessoas naturalmente contando sobre seus dias.

E é nesse campo que nos focaremos: na experiência do YouTube e dos *vlogs* como gênero confessional. Escolhemos este item específico do incontável número de produções languageiras da web pela gama considerável de vídeos nessa temática. Ainda dentro desse campo de confissões realizadas no YouTube, foi necessário recortar para fins metodológico somente três materialidades separadas das demais pela relevância em *views* (visualizações), expressividade de seus produtores (todos *influencers* nas redes sociais brasileiras) e pela *hashtag* que os separa dos demais vídeos (50 Fatos Sobre Mim) e que especificamente tematiza a vida íntima de quem enuncia.

### **Arquétipos temáticos**

Nomearemos os vídeos selecionados como **vd1**<sup>3</sup> (o vídeo pertencente ao canal de Felipe Neto, com pouco mais de dois milhões e setecentos mil acessos), **vd2**<sup>4</sup> (cujo o acesso é possível no canal EU FIKO LOKO e o qual conta com mais de um milhão e novecentos mil acessos) e **vd3**<sup>5</sup> (do canal Maisa Silva, com mais de três milhões de visualizações).

---

<sup>3</sup> Link para acesso: < <https://www.youtube.com/watch?v=lsW6Za5bDcI> >; Duração: 14 minutos e 06 segundos.

<sup>4</sup> Link para acesso: < <https://www.youtube.com/watch?v=KGpl5lmGDN8> >; Duração: 13 minutos e 45 segundos.

<sup>5</sup> Link para acesso: < <https://www.youtube.com/watch?v=g9uuR9n67Q8> >; Duração: 7 minutos e 40 segundos.

No que diz respeito aos aspectos temáticos dos enunciados, dois grandes temas são comuns aos vídeos analisados: 1) retomada da história pessoal/rememoração/gênero memorial; 2) descrição de aspectos íntimos/características pessoais.

*1) Retomada da história pessoal:*

Em **vd1**, Felipe Neto enuncia a partir do objetivo do vídeo (expor cinquenta fatos sobre si, segundo a curiosidade do público) detalhes de sua infância, tais como sua origem humilde em uma região periférica do Rio de Janeiro, as suas experiências escolares que, segundo sua posição atual, foi difícil, mas efetiva (tendo em vista o sucesso que ele alcançou na WEB nos últimos anos). Essa rememoração permite pensar como gêneros tais como memorial, caderno de memórias, diário, etc, são atualizados nesse tipo de enunciado. A colocação do sujeito na mídia e essa massiva pluralidade de gêneros todos em mescla amplia as possibilidades de interação (MACHADO, 2008). Observe-se que os gêneros mencionados primeiramente funcionavam na esfera pessoal (o diário era um gênero destinado ao seu próprio criador), depois na literatura e em frente à WEB essas experiências são conclamadas ao público. O gênero finda por ser atualizado no YouTube, mesclando aspectos do diálogo cotidiano com o que se concebia um gênero escrito e regulado pela intimidade.

Por sua vez, **vd2** tem como enunciado Christina Figueiredo, o qual (assim como todas os outros sujeitos dos vídeos) obedece a uma curiosidade de seu público. O enunciador dessa materialidade faz também a retomada da história pessoal realizada em **vd1**. Dessa vez, não mais tematizando as dificuldades da infância, mas descrevendo experiências marcantes, tais como ter gatos que lhe causavam alergia, sua magreza que trazia bullying na escola ou até mesmo o fato de ter usado aparelho ortodôntico colorido, o que demarcou sua adolescência como algo frustrante. A retomada ou rememoração nesse caso não se foca nas intempéries da infância como algo compartilhado, mas sim da experiência sentimental que foi toda essa fase.

Doutro lado, **vd3** traz uma enunciativa (Maisa Silva) que diferentemente dos outros tem menos de 20 anos, o que faz suas memórias tomarem um ar mais atual. Então, para lograr a experiência de sua vida no âmbito do desconhecido (tenha-se em vista que a *youtuber* em questão tem visibilidade na televisão desde os 3 anos de idade, o que promoveu extrema mediatização de sua infância, logo, muitos fatos dessa época já são conhecidos do grande público, em oposto aos outros dois *youtubers* que ganharam visibilidade somente na internet

após a adolescência ou juventude), Maísa narra detalhes como sua primeira palavra, sua primeira experiência escolar, seus lugares favoritos e preferidos da infância, detalhes esses que não foram televisionados.

## 2) *Descrição de aspectos íntimos:*

Em **vd1** o enunciador demarca diversos detalhes de sua intimidade que colaboram para seu propósito de dizer, a saber, ser cada vez mais conhecido de seu público. Dentre esses detalhes destacam-se fatos como *não gostar de banheiras, ser designer gráfico, acessar sites sobre finanças, o receio de começar a gravar vídeos antes da fama*, etc. Há de se convir que essas descrições não são sobre excepcionalidades. E é exatamente o centro do propósito de dizer (BAKHTIN, 2000) desse tipo de enunciação: comunicar trivialidades. Esses detalhes da memória, da intimidade e da vida cotidiana não necessariamente precisam ser surpreendentes. O que movimenta a curiosidade do público e o que motiva a produção desse gênero específico (*vlog confessional*) é apresentar de modo sistemático (50 fatos sobre mim, uma lista, ou perguntas do público sendo respondidas) o dia a dia, a vida comum do *youtuber*, tanto para desmistificar o glamour dessa posição social quanto para glamourizar o trivial.

Em **vd2**, Christian Figueiredo afunila os detalhes de sua intimidade retomando junto às memórias, umas traumáticas como uma depilação à lâmina que lhe causou alergia, outras nostálgicas como seus gatos na infância que lhe causaram problemas de saúde, mas mesmo assim insiste em tê-los. Noutro momento, o enunciado do *youtuber* começa um processo de descrição de si, no qual Christian revela sua antisociabilidade. Ele revela que nunca teve amigos e que o espaço do YouTube é sua principal forma de interação. Detalhes desse cerne encaixam-se com os modos de viver que em **vd1**, Felipe Neto, revela: ambos os *youtubers* têm na plataforma uma das poucas formas de interação, via internet. De modos diferentes, os dois sujeitos contam suas características íntimas para que isso se faça produto de interação.

Já em **vd3**, Maisa Silva conta de si detalhes físicos (como seus joelhos são irregulares, como em seu dedo tem uma lesão feita por grafite, etc) e emocionais para chamar atenção àquilo que o público não sabe sobre ela, o que pela sua vida midiática é muito restrito. Novamente, o vídeo incide em trivialidades. E nesse ponto todos os três enunciados atendem ao propósito de comunicação de ambas as partes: os enunciadores desejam alcançar o público através dos vídeos, todos tematizando a vida íntima; os co-enunciadores (público) desejam saber a vida de seus ídolos, estarem próximos e por vezes imitá-los. Essa relação de interação é complexa, pois

o YouTube é uma das formas de comunicação entre público e ídolo e finda refletindo pela sua forma de suporte (vídeos mais longos) desejos que advém de outras redes sociais como Facebook e Instagram.

Todas as três enunciações, de sujeitos diferentes, com públicos diversos e épocas diferentes (**vd1** – 28/11/2017; **vd2** – 12/02/2015); **vd3** – 03/12/2015) tematizam as memórias e experiências íntimas dos *youtubers*. Assim, acreditamos que esses registro hipermediáticos tematizarão confrontos transtemporal que revelará a época e as suas grandezas (MACHADO, 2007). Para compreendê-los é preciso assumir uma postura extraposta. A motivação central dessas produções (e do gênero *vlog confessional* em si) é a curiosidade de um público sobre seu ídolo e a necessidade de atender essa demanda de se fazer conhecer de *influencers*. Soa, nessas enunciações, uma aproximação entre ídolo e público no que diz respeito à trivialidade sem glamour que ambas as partes possuem em seus cotidianos. A linguagem midiática, nesses casos, se contrapõe a um sistema de signo na cultura (MACHADO, 2008), já que a mídia no geral exige uma certa exuberância e glamour.

### Estilística do gênero

Os três vídeos aqui analisados obedecem certa regularidade (a maleável estabilidade do gênero que Bakhtin (2000) apresenta). Essa regularidade está em três pontos específicos: 1) todos os vídeos mesclam diálogos direcionados ao público do vídeo alternados com conversações com as pessoas que estavam junto aos *youtubers*; 2) todos os vídeos são descritivos e repletos de comentários orais dos próprios *youtubers* ou dos participantes não visíveis na produção do enunciado; 3) todos os vídeos hibridizam a esfera escrita e oral da linguagem.

No que diz respeito à mescla de diálogos entre *youtuber-público alvo* e *youtuber-público presente* somente o **vd2** não demonstra claramente quem é o público presente. Em sua enunciação, Christian volta seu diálogo muitas vezes para si, conversando consigo mesmo durante o processo de descrição de si. O seu público presente é ele mesmo, que comenta suas experiência, ri e utiliza-se de sarcasmos contra sua própria memorização. O seu público alvo seria a margem midiática desse diálogo que envolveu durante a constituição sua memória, sua autoavaliação e principalmente a presença de uma interação possível na oralidade: o sujeito intervir durante sua própria enunciação comentando-a. Esse detalhe específico repete-se também nas enunciações de Maísa Silva e Felipe Neto.

Felipe Neto (**vd1**) dialoga com seu público alvo (e esse diálogo, assim como nos outros vídeos, não ocorre no momento exato de sua produção. Ele fora motivado pela curiosidade e pelo pedido do público nas redes sociais, gravado e editado para ao final ser divulgado na plataforma do YouTube. Seria um diálogo elaborado para *a posteriori* e regrado sob um rol de expectativas do público alvo.) e com seus colaboradores na produção do material do canal. Essas interações interferem inclusive nas informações/"fatos sobre mim" que o *youtuber* enuncia. A modificação dessas falas se dá pelo múltiplo caráter da interação (RODRIGUES, 2004): interação consigo, com o coenunciador presente, com o coenunciador anterior, com o coenunciador futuro, centrados nas figuras do próprio Felipe Neto, dos colaboradores, dos seguidores das redes sociais que pediram o vídeo e dos seguidores que verão o vídeo após sua conclusão e edição.

Por sua vez, Maísa Silva (**vd3**) dialoga especificamente com a figura de seu pai (que não está visível no vídeo, mas age autorizando, rindo e comentando os fatos que a *youtuber* enuncia), consigo mesma ao voltar-se para si em momentos específicos em que se questiona, ri de suas experiências e até nega suas próprias memórias. Esse entrecortamento que autoriza vários turnos de diálogos com um número não determinado de interactantes é essencialmente possível pela interface da WEB. Levando-se em conta o alcance dos três canais, é hipotético imaginar que milhões de diálogos se efetivaram de diversos modos, em diversos meios de comunicação e através das mais híbridas linguagens graças à pluralidade linguística da internet.

### **A composição do gênero**

Quanto a sua composição, o gênero *vlog confessional* apresenta algumas características que são passíveis de considerar estáveis, dentre as quais destacamos: 1) o objetivo; 2) os coenunciadores possíveis; 3) a mescla da escrita/oralidade/visual.

#### 1) *O objetivo:*

Os três vídeos utilizados aqui como base para as análises comportam diversos objetivos, diversas posições ideológicas, mas foca-se em dois específicos: o primeiro pertence ao público que motiva esse tipo de gênero, que solicita de seus ídolos a experiência confessional como meio de aproximação e glamourização do trivial e do cotidiano; em segundo plano de sujeitos *influencers* que são produzidos na esfera do YouTube através desse contato mais íntimo com seguidores. Essa relação é movida pela vontade descobrir e de fazer ver a intimidade dos

famosos, de verificar os detalhes e percorrer a intimidade dos ídolos e de produzir fama a partir de infimidades.

2) *os coenunciadores possíveis:*

Os três vídeos sugerem tanto pela linguagem quanto pela temática possíveis consumidores desse conteúdo: uma juventude midiaticizada e com acesso fácil à internet, supostamente antenada e que requer um entretenimento específico: a vida íntima das celebridades da web. Ambos as partes na interação linguística têm interesses e posições ideológicas e nesse caso um deseja consumir intimidades e outro deseja ter suas intimidades consumidas. O produto dessa relação é a transformação, por meio da internet, das relações de consumo focadas nas personalidades, nas memórias e nas especificidades dos sujeitos.

3) *A mescla de oralidade/escrita/visual:*

Na WEB e nas redes sociais, a linguagem não se suporta somente na escrita ou somente na oralidade ou tampouco na linguagem visual. Existe uma mescla profunda entre essas modalidades da interação e os sujeitos produtores que já movimentam com facilidade essa multimodalidade, mas como diz Santaella (2014) “todas as misturas possíveis de linguagens, encontram-se sempre três matrizes fundamentais: a verbal, a visual e a sonora”.

Nos três vídeos aqui analisados a alteração da voz (em **vd1** e **vd3**) é um dos recursos que serve ao propósito humorístico da introdução dos vídeos. Através da tecnologia, a própria oralidade pode ganhar entornos diversos, tais como o aumento da velocidade da fala e a distorção das vozes servem ao intento de aproximar os coenunciadores através do humor e da mímica. Felipe Neto, em seu vídeo, demonstra o uso mais hábil de imagens, *gifs*, micro vídeos inseridos durante sua enunciação para conferir uma outra esfera de diálogo – agora entre enunciados da mesma esfera da web. Por suas vezes, Christian e Maísa utilizam da mudança do plano de fundo do vídeo (como tornar o ambiente cinza em **vd2** e **vd3**) para introduzir outros diálogos consigo, ou com os coenunciadores presentes. Há ainda a presença, em todos os vídeos, de recursos como links e hiperlinks de outras redes sociais, outros vídeos e outros canais. É possível considerar, então, que a mescla dessas linguagens diversas do escrito, oral, visual, hiperlinks, *gifs*, etc, produz uma multilinguagem (SANTAELLA, 2014), que exaspera as ideias de gêneros primários e secundários propostas por Bakhtin (2000).

O YouTube e especificamente o *vlog confessional* possibilita que linguagens diversas produzidas na web atualizem gêneros clássicos tais como a confissão e o diário. A linguagem



não se restringe tão somente à escrita e oralidade, mas mescla vídeos e artefatos em hiperlinks. As redes sociais funcionam, desse modo, como *redes* que se dialogam e se alteram, haja vista que a maioria dos pedidos de produção dos 50 fatos sobre mim vieram de redes como Twitter e Instagram, segundo os *youtubers* afirmam nos seus enunciados.

### **Considerações finais**

O estudo objetivou discutir o gênero *vlog confessional* no que diz respeito a sua elaboração temática, estilística e composicional. Para isso, foi basilar apresentar o entendimento dos *gêneros do discurso* na Linguística e sua centralidade na teoria do russo Mikail Bakhtin e seus colaboradores do Círculo de Bakhtin. Discutiu-se aspectos teóricos que lidam com a linguagem e seu centro de existência que é interacional, social, histórico, alocado em relações estreitas entre sujeitos ideológicos.

A discussão teórica permitiu visualizar os vídeos analisados dos canais Felipe Neto, EU FIKO LOKO e Maísa Silva, esmiuçando aspectos temáticos (tais como a intimidade e a memória), estilísticos (como a utilização de oralidades e a presença de incontáveis interactantes ou co-enunciadores) e composicionais (os processos híbridos da linguagem na web). Por essa discussão, percebeu-se como o gênero em questão atualiza diversas outras práticas linguísticas realizadas nos gêneros diário pessoal, memorial e confissão.

Esses gêneros são revisitados e reelaborados em estrutura e propósito por causa da massiva possibilidade de interação que a web propicia. Nesse gigantesco espaço de interação, com suas redes de comunicação, os usos dos gêneros se modificam rapidamente e assumem propósitos ideológicos diversos e assim se insere na interseção da oralidade fluida, da escrita regulada e da visualidade dos *gifs*, imagens e vídeos o gênero *vlog confessional*.

Devido ao espaço reduzido que um artigo científico tem, muitos aspectos da constituição desse gênero findam ficando inconclusos ou incipientes, pois é possível sugerir estabilidades nas suas estruturações (temáticas, estilísticas e composicionais), mas também fluidez muito ampla para seus propósitos. Outro detalhe interessante e que é passível de ampliação é a multimodalidade que esses gêneros produzidos no YouTube carregam em si, tanto pela gama de recursos que podem ser utilizados em sua elaboração, quanto nas incontáveis possibilidades de transformação em memes, micro vídeos, imagens, *gifs* etc. Assim, o estudo contribui com a percepção desse gênero e também as possibilidades de estudo em torno dele.

## REFERÊNCIAS

#MAISERA – 50 FATOS SOBRE MIM. **Youtube**. 03 de Dezembro de 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=g9uuR9n67Q8> > Acesso em 18/11/2018.

50 FATOS SOBRE MIM! ATUALIZADO! **Youtube**. 28 de Novembro de 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=lsw6Za5bDcI> >; Acesso em: 18/11/2018.

50 FATOS SOBRE MIM! **Youtube**. 12 de Fevereiro de 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KGpl5lmGDN8> >; Acesso em 18/11/2018.

BAKHTIN, M. M. / VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. [Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira]. – 11<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. In.: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. [Tradução a partir do francês por Maria Ermantina Galvao; revisão da tradução Maria Appenzeller]. – 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BESSA, J. C. R. das múltiplas facetas do dialogismo bakhtiniano: reflexões teóricas e um percurso analítico de estudo. In.: FERREIRA, F.A.; LUDOVICE, C. A. B.; PERNAMBUCO, J. (org.). **O texto: processos, práticas e abordagens teóricas**. Frnaca, SP: Editora UNIFRAN, 2016, p. 15 – 43. Disponível em: <https://www.unifran.edu.br/wp-content/uploads/2017/02/Colecao-Mestrado-VOLUME-11-2016.pdf>. Acessado em 18 de nov. de 2018.

GERALDI, João Wanderley. A produção dos diferentes letramentos. **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (2): 25-34, Ago./Dez. 2014.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In.: Beth. Bakhtin: **conceitos chaves**. 4<sup>a</sup>. ed., 2<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso e a ciência dialógica do texto. In.: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de; BRAIT, Beth [et. al]. **Diálogos com Bakhtin**. 4<sup>a</sup>. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007, p. 193-230.

RODRIGUES, R.H. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**. v.4.; n.2. Tubarão, Rio de Janeiro, 2004. P. 415-440.

SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (2): 206-216, Ago./Dez. 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. [Tradução de Antonio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein], 2<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

## **UNDER BAKHTIN'S EYES: THE DISCURSIVE GENDER CONFSSIONAL VLOG**

**ABSTRACT:** The present study wants, under the studies of the Bakhtin Circle, to discuss the aspects that constitute the confessional vlogs gender with respect to its theme, style and composition. For this, its used a bibliographical and documentary research, whose methodology promotes a qualitatives study. Thus, authors such as Brait (2017), Machado (2007, 2008), Santaella (2014) and others were theoretical and methodological support for the study. It was concluded that the confessional vlogs gender mix components of written, visual, oral and cybernetic language to re-actualize genders such as personal diary and confession, inserting in its motivations the ideological movements of the production of content of the internet and the infinite possibility of interaction of social networks.

**Keywords:** Discursive genders; Confessional vlogs; YouTube.

**Envio: novembro/2018**

**Aceito para publicação: dezembro/2018**

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267